



ESTUDO DO PERFIL E DA SATISFAÇÃO PROFISSIONAL DO EGRESSO DE FISIOTERAPIA DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DE ENSINO SUPERIOR DE 2003 A 2014

Study of the profile and job satisfaction of physical therapy graduates of a Private University between 2003 and 2014

Waléria Vieira dos Santos¹, Ivanicia Aparecida dos Santos Rosa¹, Gabriela de Souza Santos¹, Jenifer Resende¹, Andrei Pereira Pernambuco², Carolina Marques Carvalho Mitre Chaves²

RESUMO

Introdução: A fisioterapia está conquistando destaque no campo da saúde por suas importantes competências e abrangente área de atuação. Devido à grande demanda de serviços de fisioterapia no Brasil, diversos cursos superiores foram criados na década de 1990. Contudo até os dias atuais poucos estudos buscaram traçar um perfil da atuação profissional dos egressos de fisioterapia. **Objetivo:** Descrever o perfil e a satisfação dos profissionais fisioterapeutas egressos de uma Instituição Privada de Ensino Superior (IPES) localizada no interior do estado de Minas Gerais. **Método:** Participaram deste estudo do tipo observacional e transversal, 120 fisioterapeutas formados em uma IPES, entre os anos de 2003 e 2014. Estes responderam a questionário contendo dados pessoais, profissionais e acadêmicos. A estatística descritiva foi aplicada aos dados através do software SPSS versão 18. **Resultados:** Os fisioterapeutas formados nesta IPES são em geral, do gênero feminino (73,3%), com idade entre 31 e 35 anos (34,2%) e são solteiros (59,2%). Atuam com elevada frequência no atendimento domiciliar (48,3%), mas a maioria atua em mais de uma área (63,3%). A maioria dos egressos está atuando como fisioterapeuta (92,5%), grande parte concluiu uma pós-graduação (80,0%), muitos relatam estarem satisfeitos profissionalmente (82,5%), porém consideram seus salários baixos (59,2%) e grande parte dos profissionais acredita não receber o devido reconhecimento profissional (55,0%). **Conclusão:** Os egressos fisioterapeutas desta IPES são em sua maioria mulheres, solteiras, apesar de relatarem satisfação profissional consideram seus salários baixos e gostariam de maior reconhecimento profissional.

Palavras-chave: Fisioterapeutas; Satisfação no emprego; Mercado de trabalho; Remuneração.

¹ Acadêmico (a) do curso de Fisioterapia da Universidade de Itaúna (UI), Itaúna, MG-Brasil.

² Docente do curso de graduação em Fisioterapia da Universidade de Itaúna (UI), Itaúna, MG-Brasil.

Autor para correspondência: Andrei Pereira Pernambuco – Rua: Araxá, n 206. Bairro: Morro do Sol – CEP 35680-284 – Itaúna-MG e-mail: pernambucoap@ymail.com

Os autores declaram não existir conflitos de interesses.

ABSTRACT

Introduction: Physiotherapy is gaining prominence in the field of health because of its important skills and wide area of expertise. Due to the great demand for physiotherapy services in Brazil, several higher courses were created in the 1990s. However, to date, few studies have sought to outline a profile of the professional performance of physiotherapy graduates. **Objective:** To describe the profile and the satisfaction of physiotherapist professionals from a Private Higher Education Institution (PHEI) located in the interior of the state of Minas Gerais. **Method:** It was a cross-sectional study, where 120 physiotherapists were graduated in an PHEI between 2003 and 2014. They answered a questionnaire containing personal, professional and academic data. The descriptive statistics were applied to the data through SPSS version 18 software. **Results:** Physiotherapists trained in this IPES are generally female (73.3%), aged 31-35 years (34.2%) and are Singles (59.2%). They work with a high frequency in home care (48.3%), but most work in more than one area (63.3%). Most of the graduates are working as a physiotherapist (92.5%), most of them completed a postgraduate course (80.0%), many are professionally satisfied (82.5%), but consider their salaries low (59.2%), And most of the professionals believe they do not receive due professional recognition (55.0%). **Conclusion:** The former physiotherapists of this IPES are mostly single women, although they report their professional satisfaction and consider their salaries low and would like more professional recognition.

Keywords: Physiotherapists; Job satisfaction; Labor market; Remuneration.

INTRODUÇÃO

Segundo a Resolução nº 80/COFFITO de 1987, o fisioterapeuta é um profissional da área de saúde, que utiliza diferentes recursos físicos e naturais, da massoterapia e da cinesioterapia, dentre outras a fim de avaliar, prescrever, ministrar e supervisionar toda e qualquer terapia física que objetive preservar, manter, desenvolver e restaurar a integridade do órgão, sistema ou função do corpo humano¹. Apesar da sua importância e abrangente área de atuação, a história da fisioterapia no Brasil é recente e tem se modificado ao longo dos anos².

No Brasil, a formação em fisioterapia sofre, ao longo de sua história, influência dos contextos políticos, econômicos e sociais². A prática da fisioterapia no Brasil iniciou-se em 1919, como uma forma de solução para os altos índices de acidentes de trabalho e o grande número de portadores de sequelas da poliomielite³. Em 1951, o Dr. Waldo Rolim de Moraes criou o primeiro Curso de fisioterapia do Brasil, que persistiu até 1958, patrocinado pelo centro de estudos Raphael de Barros e que tinha como objetivo formar técnicos em fisioterapia. Nessa mesma década foram fundadas a Sociedade Brasileira de Fisioterapia, a Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR) e, Associação de Pais e Amigos Excepcionais (APAE). Na década seguinte, o curso passou a ter duração de dois anos de duração⁴.

O primeiro curso de fisioterapia em Minas Gerais foi iniciado em 1962 através de uma parceria entre a Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCM-MG) e o Hospital Arapiara. Em 1969, quando a profissão foi regulamentada, como uma carreira de nível superior, houve a ampliação do tempo de curso para quatro anos de duração. O reconhecimento legal foi dado pelo Decreto-lei nº 938/ 69, parágrafo único do artigo 12 da Lei

6.316/75 – 13 de Outubro de 1969⁴. Além disso, passou-se a contratar fisioterapeutas para lecionarem nestes cursos de graduação. Porém, o reconhecimento pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) somente aconteceu em três de dezembro de 1971, quando existiam no Brasil apenas seis cursos de fisioterapia⁴. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o curso de fisioterapia foi inaugurado somente em 1979⁵.

Em Minas Gerais, assim como em São Paulo, na década de 1990, o curso de fisioterapia foi implantado em diversas instituições de ensino superior, seguindo a tendência mercadológica e o grande interesse no curso por parte de estudantes do ensino médio. Além disso, a abertura dos cursos de fisioterapia se deu pela “necessidade de mão de obra especializada para atender a uma demanda advinda dos profissionais médicos”⁶.

Segundo Bispo², nos últimos anos, a quantidade de cursos e a oferta de vagas de fisioterapia no Brasil aumentaram em mais de 300%, com a criação de 364 novos cursos. Apesar de o aumento ter ocorrido nas últimas duas décadas, o crescimento foi gradual. Em 1969 no Brasil foram inaugurados seis cursos, após 15 anos eram 16 cursos de fisioterapia, em 1984 este número subiu para 22, em 1995 saltou para 63 cursos, três anos depois passou para 115, em 2003 o total já era de 298 cursos e dados de 2008 apontaram a presença de 479 cursos de fisioterapia no Brasil. Existem hoje 66 instituições de ensino superior em Minas Gerais (MG) que oferecem o curso de fisioterapia⁷.

Apesar do grande volume de egressos de fisioterapia que entram no mercado anualmente, existem poucas pesquisas com o objetivo de caracterizar o perfil desses profissionais. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi avaliar o perfil e a satisfação dos profissionais fisioterapeutas graduados por uma Instituição Privada de

Ensino Superior (IPES) entre os anos de 2003 e 2014.

MÉTODOS

Cuidados éticos

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa de uma IPES do interior do estado de Minas Gerais e foi aprovado conforme o parecer número 1.319.296/15. Todos os voluntários assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias. Todos os cuidados éticos foram baseados na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS/MS).

Tipo do estudo

Trata-se de um estudo analítico observacional e transversal.

Curso de fisioterapia

O curso de fisioterapia da IPES foi implantado no primeiro semestre do ano de 1999. O corpo docente era composto por professores de áreas básicas e por fisioterapeutas, estes direcionavam suas atividades de acordo com as orientações acadêmicas da IPES. Assim como os demais cursos da Universidade, o curso de fisioterapia é apoiado e focado nos pilares do ensino, pesquisa e extensão. A duração do curso era de cinco anos e a primeira formatura ocorreu no final do ano de 2003. Este curso foi pioneiro na região, sendo que nos anos seguintes, outras universidades da mesma região passaram a oferecer o curso de fisioterapia⁸. Atualmente o curso de fisioterapia desta IPES tem duração de oito semestres.

Participantes

Foram convidados a participarem deste estudo os profissionais egressos do curso de fisioterapia de uma IPES do interior do estado de Minas Gerais que se graduaram entre os anos de 2003 e 2014. A busca primária por participantes para o estudo ocorreu por meio de contato via

email entre os pesquisadores e os potenciais voluntários. A lista com os emails foi fornecida pela reitoria da IPES. Esta estratégia de busca não foi satisfatória já que houve pouco retorno dos egressos aos e-mails enviados. Sendo assim, iniciou-se outra forma de busca concomitante, através de contatos telefônicos e busca ativa nos locais de trabalho mais acessíveis aos pesquisadores.

Instrumento de pesquisa

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário desenvolvido exclusivamente para o estudo, contendo questões objetivas. Estas abordaram aspectos relacionados à formação acadêmica, a formação complementar, satisfação profissional e financeira. Além disto, o questionário abordou questões pessoais, tais como o estado civil e envolvimento com outras atividades. Foram abordados também aspectos como salário, jornada de trabalho, cidade(s) onde atua e, realização de pós-graduação.

Análise estatística

Os dados do presente estudo foram trabalhados de acordo com a estatística descritiva. As variáveis categóricas foram expressas utilizando-se do número absoluto e do número relativo para representar as respostas dos participantes. A análise foi realizada no software SPSS versão 18.

RESULTADOS

Os egressos do curso de fisioterapia da IPES são em número de 624, a contar do ano de 2003 até 2014. A universidade forneceu 381 e-mails (61,1%) e terceiros forneceram mais 69 e-mails (11,1%), totalizando 450 e-mails. Este número corresponde a 72,1% do total de alunos que se formaram no curso de fisioterapia desta IPES entre os anos 2003 e 2014.

Dos 450 questionários enviados por email, apenas 28 questionários retornaram

preenchidos (6,2%), mesmo após sucessivas tentativas de envio. Para a obtenção de uma amostra mais ampla foi necessário utilizar outro método, sendo este, a busca ativa por egressos por meio de telefonemas ou em seu local de trabalho. Esta estratégia resultou na obtenção de mais 92 questionários preenchidos (14,7%). Deste modo, a amostra final do estudo foi composta por 120 indivíduos (Figura 1).

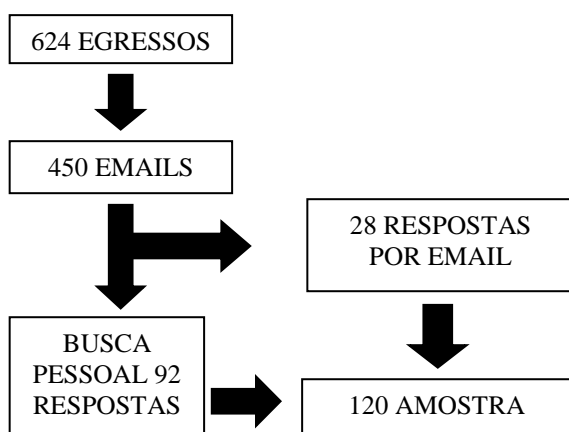


Figura 1. Fluxograma de formação da amostra do estudo.

Em relação aos dados pessoais observou-se que há uma predominância do sexo feminino com número de 88 mulheres (73,3%) em relação ao sexo masculino, com 32 homens (26,7%). Quanto à idade, 14 profissionais (11,7%) tinham menos de 25 anos, 35 egressos (29,2%) tinham entre 26 e

30 anos, 41 egressos (34,2%) possuíam idade entre 31 e 35 anos, nove profissionais (7,5%) entre 36 a 40 anos e, apenas quatro egressos (3,3%) têm idade superior a 40 anos. Dezesete voluntários (14,1%) não responderam essa questão. Com relação ao estado civil dos egressos da amostra, observou-se que 71 voluntários (59,2%) são solteiros e, 49 voluntários (40,8%) são casados ou vivem junto de seus parceiros em união estável.

Já no que se refere à atuação profissional, os dados mostram que 111 egressos (92,5%) atuam como fisioterapeutas e nove (7,5%) não estão atuando como fisioterapeutas. Dos que estão atuando como fisioterapeutas, 58 voluntários (48,3%) trabalham em fisioterapia domiciliar, 13 (10,8%) em hospitais, 42 (35%) em clínicas particulares, 14 (11,7%) em academias, seis (5%) em docência, 53 (44,1%) trabalham com Pilates, 11 (9,2%) atuam com treinamento funcional, 44 egressos (36,7%) trabalham em outras áreas. Além disso, 76 voluntários (63,3%) atuam em mais de uma área e, oito voluntários (6,7%) não responderam esta questão. Vale ressaltar que cada egresso poderia assinalar mais de uma área de atuação (Figura 2).

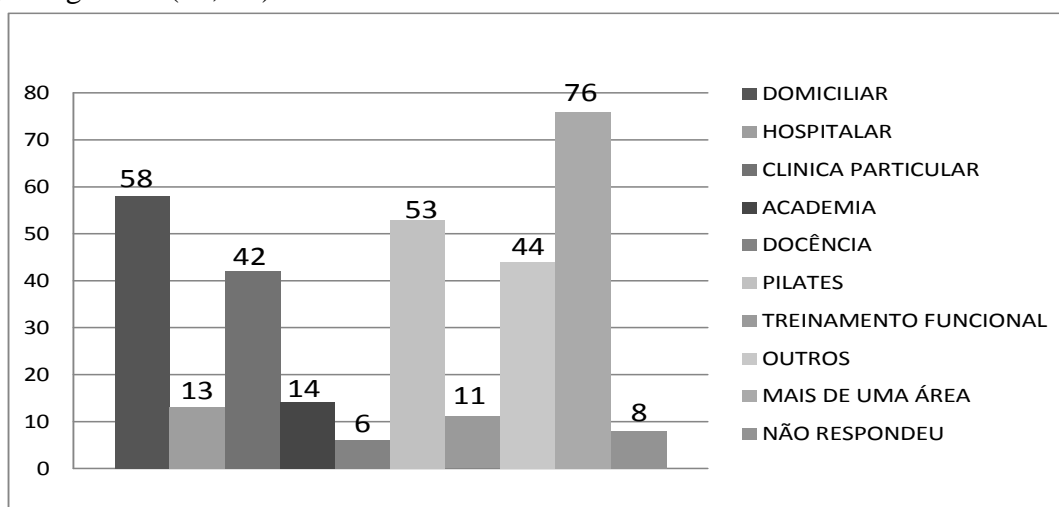


Figura 2. Distribuição dos egressos de acordo com a área de atuação (n).

Ainda no que se refere à atuação profissional, verificou-se que 95 egressos (79,2%) atuam em uma única cidade, 18 voluntários (15,0%) atuam em mais de uma cidade, e sete (5,8%) não responderam.

Em relação à formação complementar os dados demonstram que 96 egressos (80,0%) concluíram pelo menos uma pós-graduação lato sensu. Destes, nove egressos (7%) realizaram a pós-graduação na área de Acupuntura, dois voluntários (1,6%) na área de Hidroterapia, dois (1,6%) na área de Cardiovascular, oito (6,7%) em Dermato-funcional, 10 voluntários (8,3%) se pós graduaram em Fisioterapia Desportiva, três (2,5%) em Ergonomia, seis (5%) em Fisioterapia Neurofuncional, um (0,8%) em Oncologia, 18 egressos (15%) se pós graduaram em Fisioterapia Respiratória, 19 (15,8%) em Traumatologia-ortopedia, dois (1,6%) em Osteopatia, dois (1,6%) em Saúde da Mulher, seis (5%) em Terapia Intensiva e 35 egressos (29,1%) se pós graduaram em outras áreas. Além disso, 30 participantes (25%) realizaram mais de uma pós-graduação, 26 (21,7%) não responderam, e somente 24 (20%) não concluíram nenhuma pós-graduação. Em relação à pós-graduação stricto sensu 12 voluntários (10%) concluíram o Mestrado e dois (1,6%) o Doutorado.

No momento do preenchimento do questionário, todos os entrevistados

estavam empregados, seja na fisioterapia ou em outra atividade. Destes, apenas nove voluntários (7,5%) não atuavam como fisioterapeutas, 19 voluntários (15,8%) trabalham em outra atividade além da fisioterapia e 92 egressos (76,7%) atuam somente como fisioterapeutas. Um entrevistado (0,8%) não respondeu a esta pergunta.

No que se refere à satisfação profissional, percebe-se, que a grande maioria 99 (82,5%) está satisfeita com sua atuação, 11 (9,2%) não estão satisfeitos e dez (8,3%) não responderam esta questão.

Em relação ao ingresso no mercado de trabalho, 57 profissionais (47,5%) afirmaram terem ingressado imediatamente, 36 (30%) ingressaram em menos de seis meses, 19 (15,8%) demoraram de seis a 12 meses, cinco (4,2%) levaram cerca de um a cinco anos, três voluntários (2,5%) não responderam esta questão e não houve nenhum relato de egresso que levou mais de cinco anos para se colocar no mercado de trabalho.

Quanto à jornada de trabalho, nove voluntários (7,5%) trabalham até 20 horas por semana, 29 (24,2%) trabalham de 21 a 30 horas, 27 (22,5%) de 31 a 40 horas, 44 (36,7%) informaram trabalhar mais de 41 horas, oito (6,7%) não especificaram e três (2,5%) não responderam (Figura 3).

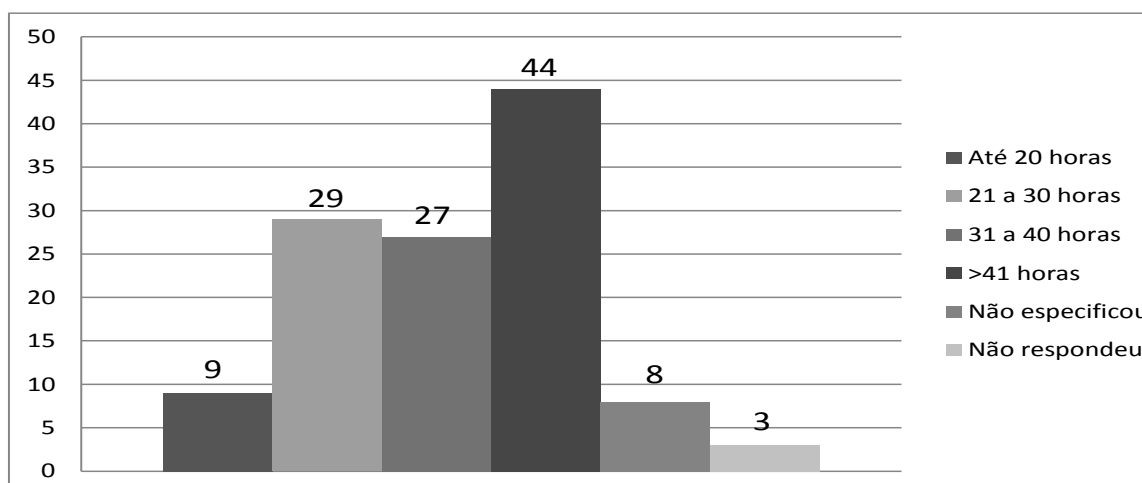


Figura 3. Jornada de trabalho dos egressos (n).

Sobre a renda mensal, verificou-se que três egressos (2,5%) recebem até um salário mínimo, 39 voluntários (32,5%) recebem de um a três salários, 34 profissionais (28,3%) de três a cinco salários, 22 egressos (18,3%) mais de cinco salários por mês. Treze participantes (10,8%) não responderam esta questão e nove egressos (7,5%) não atuam como Fisioterapeuta. Ainda sobre a renda mensal, 46 voluntários (38,3%) disseram que estão satisfeitos com suas rendas, 71 participantes (59,2%) disseram que não estão satisfeitos e três não responderam esta questão.

No que se refere ao reconhecimento de terceiros, os resultados demonstram que 66 egressos (55,0%) não se sentem reconhecidos, 49 participantes (40,8%) acreditam serem reconhecidos e cinco voluntários (4,2%) não responderam esta questão.

Já no que diz respeito à valorização profissional no mercado de trabalho 104 egressos (86,7%) não se sentem valorizados e apenas 16 voluntários (13,3%) disseram que sentem valorizados.

Os dados relacionados à formação na IPES mostram que 59 egressos (49,2%) avaliaram o embasamento teórico como bom, 58 (48,3%) apontaram como excelente, dois (1,7%) consideraram insuficiente, e um (0,8%) considerou fraco. A maioria dos egressos, 65 voluntários (54,2%) relatou terem participado de monitoria e 55 (45,8%) não participaram deste tipo de trabalho durante a graduação. Em relação ao ano de conclusão do curso, 31 participantes (25,8%) graduaram-se entre 2003 e 2006, 43 (35,8%) entre de 2007 e 2009 e 46 (38,3%) concluíram a graduação entre 2010 e 2014.

DISCUSSÃO

Neste estudo verificou-se uma maior prevalência do sexo feminino. Esses dados são similares a resultados de diversos estudos^{5,9-11}. Esta realidade, não é

encontrada apenas em cursos de fisioterapia, já que em todos os cursos da área da saúde o número de alunas é maior do que o de estudantes do sexo masculino¹². Os resultados demonstraram que a maioria dos egressos são adultos jovens, com idade entre de 24 e 47 anos. Sendo que a maioria possui idade entre 25 e 35 anos e é solteira. Esses achados corroboram os de Thomas *et al*⁹. Tal fato já era previsto durante o delineamento do projeto de pesquisa, afinal o curso de fisioterapia desta IPES é relativamente novo, sendo que decorreram apenas 13 anos desde a primeira formatura. Resultados semelhantes foram encontrados também por Badaró *et al*¹³. É válido ressaltar que o estado civil está relacionado à idade e, segundo o IBGE¹⁴ a média de idade de casamentos na população Brasileira é de 26 anos no sexo feminino e 29 anos no sexo masculino. Este dado possivelmente explica a maioria dos fisioterapeutas estarem solteiros (78%). Outro fator que pode estar relacionado com o baixo percentual de egressos casados é o fato de que antes de se casarem, muitos buscam conquistar a estabilidade financeira. Em profissões como a fisioterapia, a conquista da estabilidade financeira pode levar alguns anos para se efetuar.

Os dados mostram que a grande maioria dos egressos está atuando como fisioterapeutas. Dados semelhantes foram encontrados no estudo de Shiwa *et al*¹⁵, que mostra que cerca de 80% dos participantes estavam atuando como fisioterapeutas no momento da coleta de dados¹⁵. Os dados do presente estudo foram bastante satisfatórios a este respeito. Contudo, convém ressaltar que os dados podem estar superestimados, dadas as estratégias utilizadas para a busca pelos egressos. O propósito inicial era buscar os egressos apenas por email, mas como o número de retorno dos questionários foi muito pequeno (n=28), procedeu-se com uma busca ativa em locais de trabalho destes profissionais. Sendo assim, torna-se óbvio que todos os

profissionais encontrados em clínicas de fisioterapia estão atuando como fisioterapeutas.

Os dados do presente estudo também mostram que as áreas mais comuns de atuação dos fisioterapeutas foram: atendimento domiciliar, Pilates e em clínicas particulares. Cabe ressaltar que um elevado número de profissionais atua em mais de uma área. Tal fato pode ser justificado pelo fato da baixa remuneração de alguns fisioterapeutas. Segundo Medeiros *et al*¹⁰, o profissional procura atuar em mais de uma área, visando desta maneira o aumento na remuneração. Além disso, o presente estudo demonstrou que grande parte da amostra atua em apenas uma cidade. Tal fato pode ser justificado, pelo menos em parte, pela comodidade, praticidade e menores dispêndios com locomoção.

Outro dado que merece destaque é a busca por aprimoramento através de cursos de pós-graduação, já que a grande maioria dos participantes concluiu pelo menos uma pós graduação. Sancha¹⁶ relata que a realização de qualquer curso de pós-graduação, pode oferecer valorização ao profissional perante a sociedade e conseqüentemente alavancar a possibilidade de melhores rendimentos¹⁶. As áreas de pós-graduações mais citadas foram: Traumatologia-ortopedia, Respiratória e Dermato-funcional. Insta destacar que muitos egressos realizaram mais de uma pós-graduação. Tal fato evidencia a necessidade do fisioterapeuta de preencher nichos de mercado, que surgem ou pela demanda mercadológica ou midiática. Também é fato que muitos atuam em mais de uma área, a fim de aumentar seus rendimentos. Segundo Shiwa *et al*¹⁵ as áreas Traumatologia-Ortopedia, Neurologia, Fisioterapia do Trabalho-Ergonomia, Saúde da Mulher, se mantém com elevada procura ao longo do tempo, possivelmente pelo fato de estas áreas possuírem grande demanda por

profissionais, advinda do alto número de pacientes que buscam atendimento nessas áreas¹⁵. Já os cursos nas áreas de Acupuntura, Fisioterapia Esportiva, Osteopatia e Saúde Coletiva apresentaram declínio na procura por parte dos alunos¹⁵. Em contrapartida os cursos de Fisioterapia Dermato-funcional mostram uma tendência de forte ascensão. Os dados citados apoiam os resultados do presente estudo.

No que se refere à satisfação profissional, observa-se que esta está relacionada ao crescimento e desenvolvimento pessoal e organizacional e, ocorre principalmente quando o profissional encontra-se motivado¹⁵. Neste estudo, a maioria dos egressos se julga satisfeita profissionalmente. Segundo a pesquisa de Bueno *et al*¹⁷ em relação à valorização do trabalho, foi concluído que a maioria se sente valorizada tanto por familiares, amigos e colegas da área da saúde. Estes achados também foram encontrados no estudo de Shiwa¹⁵ que mostra que apesar de todas as dificuldades da profissão, 66,0% estão de parcialmente satisfeitos a muito satisfeitos.

Quanto à colocação no mercado de trabalho, a maioria se colocou imediatamente no mercado ou demorou menos de seis meses. De acordo com Medeiros *et al*¹⁰, 49 dos egressos (81,7%) se colocaram no mercado de trabalho em menos de seis meses após a formatura o que revela uma excelente aceitação do mercado na absorção destes profissionais e apenas cinco (8,3%) levaram mais de dois anos para atuarem na profissão¹⁰. Estes dados revelam um mercado promissor no momento da formatura destes jovens.

Os dados do presente estudo demonstram que grande parte dos egressos trabalha mais de 41 horas semanais. Esses dados se assemelham aos de Thomas *et al*⁹ que mostra que 32,2% trabalham mais de 40 horas semanais. Todavia, de acordo com a Lei Federal 8856 de 1º de março de 1994, a jornada de trabalho do fisioterapeuta e

terapeuta ocupacional é de 30 horas semanais, para fins de melhorar a qualidade de vida e diminuir o desgaste físico dos profissionais¹⁸. Entretanto apesar da carga horária de trabalho estar limitada, na prática, a realidade é diferente. Os dados deste estudo mostram que na busca por maiores rendimentos o fisioterapeuta necessita trabalhar em diferentes locais, diferentes áreas e com elevada carga horária.

Dois achados bastante negativos do presente estudo foram a satisfação com a renda mensal e a valorização no mercado de trabalho. Em Minas Gerais não foram encontrados dados relacionados ao piso salarial, já que o Sindicato estava desativado e no momento encontra-se em processo de reestruturação e capitalização. Contudo, no estado do Rio de Janeiro, área de jurisprudência do CREFITO-2, o fisioterapeuta contratado de acordo com as Consolidações da Lei Trabalhista (CLT) deve receber salário de R\$ 2.684,99 para uma jornada de 30 horas semanais¹⁹. Apesar de 18% dos participantes receberem acima de cinco salários, a maioria está recebendo entre um e três salários. Apenas por questões comparativas, esses recebem valores abaixo do piso salarial do estado do Rio de Janeiro e apenas 28,3% dos egressos desta IPES recebem de três a cinco salários, que são valores acima do piso mencionado. Tal fato pode refletir a desvalorização profissional e ser motivo de desmotivação e até mesmo abandono da profissão. Thomas *et al*⁹ discutem que a insatisfação pode se dar devido a um conjunto de fatores como sobrecarga de trabalho e pouco retorno financeiro, levando o profissional a um quadro de estresse, transtornos psíquicos e fadiga⁹.

Cabe uma reflexão em torno do baixo salário oferecido aos profissionais recém-formados. Provavelmente isto esteja relacionado com o baixo grau de reconhecimento da profissão no mercado de trabalho, tanto pela sociedade quanto pelos

demais profissionais de saúde. Espera-se que com o decorrer do tempo e com a profissão tendo sua importância reconhecida que este quadro possa ser alterado, de acordo com Medeiros *et al*¹⁰. Importante destacar que a valorização de uma profissão está altamente relacionada aos resultados que ela entrega para a sociedade. Neste sentido, a prática baseada em evidências científicas, os cursos de aprimoramento profissional a sistematização das atividades profissionais e os preceitos éticos devem ser buscados incessantemente por cada profissional fisioterapeuta.

É importante relatar que o maior obstáculo deste estudo foi localizar os egressos, já que dos 624 totais, obteve-se um retorno de apenas 120 (26,7%). É provável que muitos contatos estavam desatualizados e que a baixa resposta dos e-mails tenha ocorrido pelo fato dos egressos não terem recebido a correspondência eletrônica. A busca ativa, também centrou sua atenção na cidade onde se localiza a IPES e algumas cidades vizinhas, mas infelizmente não abrangeu todas as cidades onde residem e trabalham os egressos desta IPES. Em um futuro estudo este problema poderá ser minimizado por meio da utilização de outras fontes, tais como as redes sociais. As redes sociais tem assumido um papel cada vez mais influente em todo mundo e segundo Thomas *et al*⁹ o Facebook é a rede social mais utilizada do Brasil. Este estudo poderia ter melhores resultados caso tivesse associado a busca pelos egressos por meio do Facebook.

CONCLUSÃO

Os fisioterapeutas egressos de uma IPES do interior do estado de Minas Gerais são em geral, do sexo feminino, jovens, solteiras e têm atuado em diversas áreas da fisioterapia. Apesar de a maioria estar trabalhando, recebem baixos salários e não se consideram reconhecidas profissionalmente. A maior parte trabalha

mais de 40 horas semanais e possuem renda mensal entre um e três salários mínimos. Apesar desta realidade os profissionais se mostram preocupados com sua formação, realizam muitos cursos e ampliam seu leque de atuação. Acredita-se que os resultados aqui apresentados poderão ser utilizados por acadêmicos, professores, gestores de saúde e administradores de instituições de ensino que oferecem o curso de fisioterapia. Novas pesquisas sobre egressos deveriam ocorrer em várias instituições, em diversas regiões, pois assim seria possível a criação de políticas para abertura de faculdades de fisioterapia e o aprimoramento de conteúdos programáticos de acordo com mercado e perfil dos egressos de cada região.

REFERÊNCIAS

1. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Editorial, Revista O COFFITO. 2000;9: 3.
2. Bispo Jr JP. Formação em fisioterapia no Brasil: reflexões sobre a expansão do ensino e os modelos de formação. *Hist Cienc Saude - Manguinhos* 2009; 16(3):655-68.
3. Júnior ENS, Gonçalves LR, Barbosa MMC. Estudo do perfil profissional dos fisioterapeutas na cidade de Belém. Trabalho de conclusão de curso. Universidade da Amazônia, Belém 2008.
4. Marques AP, Sanches EL. Origem e evolução da fisioterapia: aspectos históricos e legais. *Rev Fisioter Univ São Paulo* 1994; 1(1):5-10.
5. Boletim da UFMG. Cursos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional comemoram 25anos. Nº 1459 - Ano 31 - 21.10.2004.
6. Nascimento MC, Sampaio RF, Salmela JH, Mancini MC, Figueiredo IM. A profissionalização da fisioterapia em Minas Gerais. *Rev Bras Fisioter* 2006; 10(2):241-47.
7. Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 4ª Região. Disponível em crefito4.org.br.
8. Castanheira DC, Chaves MCM, Batista A. Onde e como estão os profissionais formados na faculdade de Fisioterapia da Universidade de Itaúna? Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Itaúna. Itaúna, 2007.
9. Thomas DR, Soares MF, Braun DS. Perfil dos egressos do curso de Fisioterapia do instituto Cenecista de ensino superior de Santo Ângelo, *Rev Saude Integrada* 2013; 11-12:309-25.
10. Medeiros MGA, Gonçalves SF. Perfil dos profissionais egressos dos cursos de fisioterapia do Distrito Federal. Trabalho de Conclusão de curso. Centro Universitário de Brasília-UNICEUB. Faculdade da Ciência da Educação e Saúde- FACES. Brasília, 2009.
11. Queiroz PS, Santos MJ. Facilidades e habilidades do fisioterapeuta na procura, interpretação e aplicação do conhecimento científico na prática clínica; um estudo piloto. *Fisioter Mov* 2013; (1):13-23.
12. Rosemberg F. Psicologia, Profissão Feminina. *Cad Pesqui* 1983; 47:32-37.
13. Badaró AFV, Guilherm D. Perfil sociodemográfico e profissional de fisioterapeutas e origem das suas concepções sobre ética. *Fisioter Mov* 2011; 24(3):445-54.
14. Brasil. Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), editor. Brasília; 2010.
15. Shiwa, SR, Schmitt, ACB, João, Sílvia Maria Amado. O fisioterapeuta do estado de São Paulo. *Fisio Pesq* 2016;23(3):301-10.
16. Sancha CCM. A trajetória dos egressos do programa de aprimoramento profissional: quem são e onde estão os enfermeiros, fisioterapeutas e psicólogos dos anos de 1997 a 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo Faculdade de Saúde Pública, São Paulo, 2008.
17. Bueno GC, Nunes MM. Análise da satisfação profissional dos fisioterapeutas egressos pela UDESC de 2005-2010. (dissertação). Universidade do Estado de Santa Catarina; Florianópolis (SC) 2011.
18. Brasil. Decreto-Lei nº 8.856, De 1º de março de 1994. Provê sobre a jornada de trabalho dos profissionais de fisioterapia e terapia ocupacional. www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18856.
19. Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 2ª Região - Crefito2. Piso salarial e jornada de trabalho, disponível em crefito2.gov.br.